



ANÁLISE DA TERRITORIALIDADE DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO DO SERROTÃO EM CAMPINA GRANDE-PB.

Amaro Freire Ameztegui Rosales ¹

RESUMO

Com intuito de corroborar para a pesquisa e a ciência, o presente estudo procurou analisar as territorialidades enquanto práticas espaciais que ordenam o espaço geográfico do estabelecimento penitenciário e como se configuram os territórios delimitados pelos principais agentes espaciais. O percurso metodológico adotado para a execução deste estudo está pautado em pesquisa bibliográfica, levantamento de dados demográficos dos estabelecimentos penitenciários que compõe o complexo penitenciário do Serrotão, espacialização das informações coletadas com a utilização dos softwares de geotecnologia, reconhecimento da área de estudo através da atividade de campo com o auxílio dos funcionários da instituição. A sistematização dos dados/informações será feita por meio da produção de mapas com softwares de geotecnologia, a interpretação terá por suporte teórico as noções de poder no espaço e a discussão sobre territorialidade de Raffestin (1980), que contribuem diretamente na análise do espaço do sistema penitenciário.

Palavras-chave: Territorialidades, Relações de Poder, Complexo Penitenciário do Serrotão.

INTRODUÇÃO

O espaço penitenciário por si só, é um espaço que para maioria da população desperta repulsa e medo. Quando falamos desse espaço especificamente no território brasileiro, essa concepção se agrava, em virtude dos fatos históricos que tem como quadro de referência o sistema prisional, palco de processos contraditórios e violentos, como o episódio mais sangrento da história das prisões, o Carandiru em São Paulo e, sucessivamente, já no século XXI, as carnificinas como a Casa de custódia de Benfica no Rio de Janeiro, Anísio Jobim em Manaus, Alcaçuz em Natal, e no centro de recuperação regional de Altamira no Pará, com dezenas de detentos queimados, violentados e decapitados.

No âmbito do sistema prisional brasileiro, a violência está presente em todas as formas de relações da vida de um detento, desde sua chegada à unidade prisional, onde uma das primeiras formas de violência que o detento vivencia é a disputa através de brigas e confrontos com outros presos para aferir o seu potencial e sua força, passando pela exposição da nudez sem consentimento, pela discriminação por parte de alguns detentos e até tortura,

¹ Pós-Graduando do programa de pós-graduação e pesquisa de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, amarorosales1995@gmail.com; Professor Orientador: Eugênia Maria Dantas Doutora e professora titular, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, eugeniadantas@yahoo.com.br.



dependendo da relação com seus companheiros de cela. Também podem estar presentes a violência sexual, a violência psicológica e a violência institucional, havendo continuidade desta situação na vida do indivíduo fora da detenção, já que o estigma do ex-presidiário é uma marca das violências que o acompanhará por toda vida. Por este conjunto de elementos, o ambiente do cárcere é um lugar onde a vida de cada um que está inserido nesta realidade encontra-se constantemente em risco, há um campo de disputa onde a interação homem-espaço, a partir da apropriação do mesmo, é fundamental para a sobrevivência.

Pensando tais problemáticas, as práticas espaciais como territorialidades configuram a distribuição e organização dos elementos presentes no espaço penitenciário, como também estabelecem a hierarquia entre cada parcela dos detentos e dos lugares na realidade do universo prisional. Por isso, é preciso conhecer e estudar a diversidade de lugares e territórios que se faz presente nos espaços geográficos das penitenciárias brasileiras, mantidas em estado precário, com a superlotação majoritariamente nas unidades prisionais sob a responsabilidade do Estado, domínio das facções criminosas neste território e eventualmente rebeliões e assassinatos entre os próprios detentos e servidores da administração da penitenciária.

Assim, o presente trabalho se aporta no conceito de território e nas territorialidades enquanto práticas espaciais existentes no complexo penitenciário do Serrotão, administrado pelo governo do estado da Paraíba. O recorte da unidade prisional em que é desenvolvido a pesquisa reflete o sistema penitenciário brasileiro enquanto lugar.

A escolha da temática norteia-se, não apenas pela necessidade de compreender as relações socioespaciais entre grupos e/ou camadas da sociedade que através do exercício dos mecanismos de domínio no espaço delimitam suas territorialidades, mas na análise das ferramentas de dominação territorial de um grupo específico da sociedade, a população carcerária. Acredita-se que as investigações aqui proferidas podem contribuir para, o despertar de uma concepção mais ampla sobre o processo de territorialidade produzidas em meio ao movimento de organização do espaço geográfico.

Este trabalho busca analisar as territorialidades da população carcerária do complexo penitenciário do Serrotão no recorte temporal do ano de dois mil e dezoito, para tal fim, objetivamos especificamente: realizar a discussão sobre o espaço penitenciário do Serrotão e as práticas espaciais dos grupos inseridos; Caracterizar a área de estudo, descrevendo os principais elementos e agente espaciais que configuram as territorialidades do espaço prisional; Compreender a importância dos softwares de geotecnologias no processo de espacialização do objeto de estudo nos mapas cartográficos.



METODOLOGIA

O percurso metodológico adotado neste artigo são caminhos para responder os objetivos traçados em meio ao contexto que foi desenvolvido este estudo. Inicialmente é realizado o levantamento de dados secundários de cunho demográfico sobre o número geral da população carcerária do estabelecimento prisional no recorte do ano de dois mil e dezoito, e o levantamento dos dados de natureza espacial, assim revela o número de alojamentos, pavilhões, e os tipos de celas, seja de convívio, isolamento, seguro ou reconhecimento, é por meio deste que possibilita a caracterização da área de estudo.

Posterior ao levantamento dos dados secundários de cunho demográfico e espacial é realizado a atividade de campo, em que o pesquisador tem contato direto com a realidade do pesquisando, no intuito de compreender a dinâmica do seu objeto de estudo a partir do empirismo, colocando a teoria e o empirismo para dialogar em meio ao desenvolvimento da análise do estudo.

Para a leitura e análise, dos dados obtidos, é feito o uso de softwares de geotecnologia para especializar os dados coletados “A utilização de geotecnologias é extremamente importante no momento moderno. Vem evoluindo de forma significativa nos últimos anos” (Andrade, 2013, p.27). O primeiro software utilizado para o estudo do objeto de pesquisa, é o Google Earth, sendo uma ferramenta de baixo custo, em um modelo tridimensional entre imagens aéreas e imagens de satélites, multifuncional para o uso no âmbito da ciência geográfica, sendo capaz de trabalhar com dados contabilizados, e o tratamento das informações espaciais, para a produção dos shapefiles no uso da elaboração cartográfica.

Consecutivo a produção da shapefile, é realizado a aplicação por meio do software QGIZ, versão 2.18.28, (Datum Horizontal SIRGAS 2000), para o tratamento dos dados contabilizados, e espacialização, usando a ferramenta, para a construção respectivamente dos mapas temáticos, ligados ao recorte espacial da pesquisa, a caracterização da área.

Sucessivamente a produção dos mapas temáticos, é produzido o mapa de densidade de kernel, em que, a priori, realizou-se o cálculo de área, com base em arquivo vetorial correspondente a cada pavilhão (P1, P2, P3, P4...), em seguida dividiu-se a área total do pavilhão pelo total de apenados respectivamente (Exemplo: total de apenados do P1 dividido pela área total de P1), afim de obter a distância mínimo disponível eles nas respectivas áreas.



Estes valores foram inseridos no plugin o que retornou arquivos com nuvens de pontos, referentes a distribuição aleatória dos detentos em cada pavilhão. Assim, definido o sistema de projeção e ajustado para SIRGAS 2000 – Zona 25, inseriu-se os dados no complemento “Mapa de Calor”, o que gerou um arquivo raster de formato “GeoTiff” contendo os valores estatísticos de densidade. A obtenção do arquivo raster, possibilitou a elaboração de mapa de calor temático estimando a densidade populacional por conglomerados, onde forma renderizados classificados em cinco classes, sendo elas: “Muito Baixo”, “Baixo”, “Médio”, “Alto” e “Muito Alto”.

Desta forma, a partir da produção desse mapa de calor, é possível fazer a análise de densidade populacional, através dos pontos, representando em áreas de maior e menor concentração dos apenados no perímetro da penitenciária, “o estimador de densidade kernel desenha uma vizinhança circular ao redor de cada ponto da amostra, correspondendo ao raio de influência” (SILVERMAN, 1986, p.36) sobre o produto cartográfico do mapa de Kernel. na análise espacial, nos retrata (SOUZA, 2013):

O Mapa de Kernel é uma alternativa para análise geográfica do comportamento de padrões. No mapa é plotado, através do método de interpolação, a intensidade pontual de determinado fenômeno em toda a região de estudo. Assim, temos uma visão geral da intensidade do processo em todas as regiões do mapa (SOUZA, 2013, p.4960).

A partir da espacialização com os softwares de geotecnologias foi possível caracterizar o espaço geográfico penitenciário do Serrotão, classificando entre parte superior e inferior do estabelecimento penitenciário, assim delimitando a área de cada instituição e estimando a densidade demográfica de cada pavilhão e estabelecendo um ordenamento das territorialidades no cárcere.

Assim sendo, essas etapas do percurso metodológico, são fundamentais na estrutura deste artigo, e no passo a passo do desenvolvimento do estudo no espaço penitenciário em que tem como ideia conciliar a teoria com a prática no uso das ferramentas tecnológicas de geoprocessamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Analisar a penitenciária como um espaço socialmente produzido pelos poderes dos agentes que fazem a instituição ter a funcionalidade de penitenciária, é preciso entender não



só o Estado e os detentos, mas o corpo social da detenção, em termos de número e práticas espaciais contínuas, produzindo e reproduzindo o espaço penitenciário.

As práticas espaciais são ações da sociedade de forma geral, diretamente relacionadas ao espaço, que transformam e alteram o conteúdo geográfico de acordo com a consciência humana sobre aquele determinado lugar, “São as práticas espaciais, isto é, um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais” (CORRÊA, 2000, p.36).

A análise da prática espacial supõe discutir a territorialidade desses grupos sociais e dos sujeitos inseridos nesta conjuntura, “Essa territorialidade, resume, de algum modo, a maneira pela qual as sociedades satisfazem, num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados suas necessidades em energia e informação.” (RAFFESTIN, 1980, p. 161). A territorialidade como prática espacial que tem os três elementos relacionados – sociedade, espaço e tempo, onde um está para o outro, através da ação da sociedade no espaço, condicionando o lugar que se insere em virtude de satisfazer as necessidades dos seus atores, se dá através de um indivíduo especificamente ou por um grupo, como foi colocado até o momento. As relações de poder no âmbito do cárcere ocorrem a partir de interações coletivas, com isso, a territorialidade que aqui está posta, tem como protagonista os grupos e coletivos de apenados.

A territorialidade é estruturada por meio dos vetores de energia e informação, independente se encontra-se instável ou estável, assim nos remete a uma trama das práticas espaciais conscientes dos grupos sociais no cárcere, mediante a energia, pautado por meio da comunicação, em que é transcorrido o conjunto de informações. A comunicação interpessoal é composta pelos meios formais e informais, sendo caracterizado os meios formais como mensagens via e-mail, cartas e aplicativos de celular. É comum a presença dos objetos técnicos como aparelhos celular, nas penitenciárias, por mais que exista vistorias e revistas íntimas. Já as mensagens informais, ocorrem por meio de conversas verbais entre detentos, o popularmente conhecido “olho no olho” e através da comunicação não verbal, os signos do cárcere, que estão nas paredes e nos lugares simbolizando qual grupo tem o domínio de determinado espaço. A comunicação não verbal está presente também por meio do olhar que repreende e disciplina, como pelos gestos que identificam o comando de determinada facção criminosa.



A territorialidade não se resume unicamente para quem está no topo hierárquico do jogo de poder. A territorialidade como prática espacial da ação, está presente em todas as camadas da população, inclusive a carcerária. Para esta, as territorialidades se configuram meios para sobreviver em um cenário cujos riscos de morrer são contínuos e perenes, assim como a condição de submissão à cadeia hierárquica de poder instituído pelo Estado. Entretanto, “conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer renascer um determinismo sem interesse” (RAFFESTIN, 1980, p. 161).

A relação da territorialidade com os seus atores está vinculada a ganhos e custos no universo prisional. Exercer uma territorialidade é expandir os horizontes no comércio interno do estabelecimento penitenciário e na influência sobre outros presos. Aqueles que conseguem imprimir nas formas geográficas do cárcere seu movimento, transforma o conteúdo prisional para atender interesses particulares, o que significa controlar o valor do espaço e por consequência, controlar processos que permitem o reconhecimento das forças atuantes no presídio.

“A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais: ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder” (RAFFESTIN, 1980, p. 162). Sem dúvida, a territorialidade como prática espacial do apenado se torna a “face agida” do poder, por se originar de uma ação que demanda energia para concretizar a prática no espaço, como a informação, por onde perpassa o poder, sendo por meio da interação verbal ou por signos e condutas, como a “face vivida” do poder, em razão de que a territorialidade que intervêm diretamente na realidade do espaço é vivenciada pelo ator que protagoniza, como também, os sujeitos que estão inseridos neste lugar.

Os mecanismos de poder permeiam em sua totalidade as relações dos apenados com o espaço prisional, na prática das territorialidades, todavia, por estar marcado estruturalmente pelas relações de produção, a força de trabalho também se insere como um dos pilares na configuração do processo territorial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Serrotão, localizado na cidade de Campina Grande (PB), é um complexo de estabelecimentos penitenciários para apenados em regime fechado, composto por três unidades: a penitenciária regional padrão, a “Máxima” de Campina Grande, destinada para os



sujeitos com prisões preventivas à espera de julgamento, que ainda não têm sentenças definidas ou que cabe recursos no processo penal; a penitenciária regional de Campina Grande Raymundo Asfora, destinada para detentos já sentenciado da ala masculina; e a penitenciária feminina de Campina Grande, único estabelecimento da cidade destinado a detenção da ala feminina, abriga as detentas sentenciadas e as que esperam por julgamento.

Mapa 1: Complexo penitenciário do Serrotão em Campina Grande-PB.



Fonte: ROSALES, A.F.A. 2020

A partir das territorialidades como práticas espaciais dos apenados, é possível espacializar por meio da caracterização da área o complexo penitenciário e seus estabelecimento institucionais que compõe o território do espaço penitenciário.

A penitenciária feminina de Campina Grande dispõe de uma biblioteca exclusivo para as detentas, no exercício da leitura e empréstimo de livros, onde também é realizado as aulas,

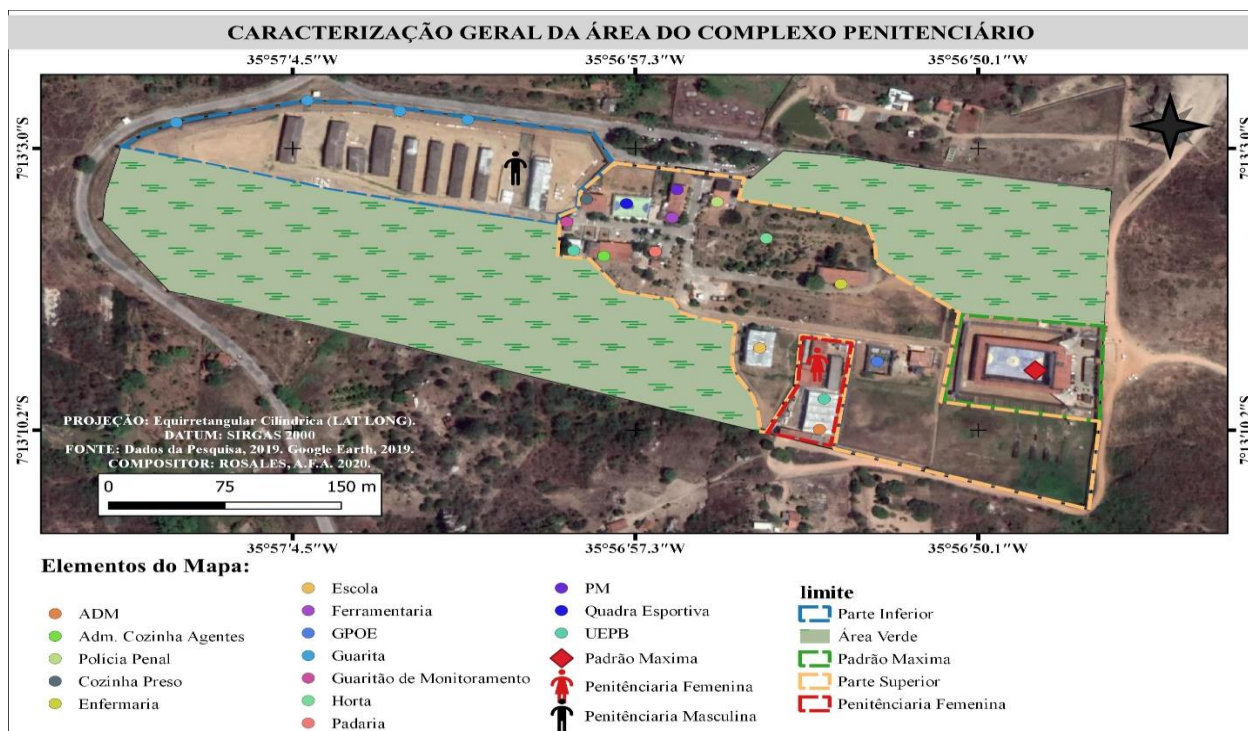


ou atividades paralelas no horário do intervalo das detentas, este anexo também possui salas de atendimento de psicólogos e assistentes sociais. Há um berçário de assistência as detentas que passam pelo processo da maternidade durante o regime penal, assim toda essa estrutura na penitenciária feminina faz parte do campus avançado da UEPB no estabelecimento penitenciário.

A penitenciária regional padrão de Campina Grande, conhecida também como Máxima. Esse componente da penitenciária é configurado pelo espaço demarcado para os indivíduos que foram detidos, mas que momentaneamente estão sem sentença, respondendo a processo penal de acordo com a investigação que levou o mesmo para a prisão provisória. A penitenciária “Máxima” tem um jardim produzido pelos agentes penitenciário e uma horta pelos detentos. Ai está um dos locais mais adversos entre aqueles que já foram abordados até aqui, sendo feito a análise do complexo penitenciário com a escala de lugar, em que fenômenos que acontecem neste recorte espacial e até mesmo o seu ordenamento territorial, está ligado a toda uma estrutura nacional de planejamento e execução do plano das políticas públicas penitenciárias. Assim, é frequente encontrar problemas comum nos diversos estabelecimentos prisionais no decorrer do Brasil, como falta de infraestruturas e superpopulação carcerária e presença massiva de organizações criminosas.

Isto posto, a unidade prisional Máxima de Campina Grande, tem 12 anos desde sua criação, sem nenhuma reforma em sua infraestrutura, com o total de 40 celas, sendo 1 uma cela destinada a ala seguro, 1 de reconhecimento, 6 de isolamento e as 32 outras celas para convívio, contendo também sua administração própria independente das outras unidades.

Mapa 2: Caracterização geral da área do complexo penitenciário.



Fonte: ROSALES, A.F.A. 2020

A penitenciária Raymundo Asfora, também conhecida como Serrotão, tem na sua entrada pelo primeiro portão sala de revista feminina, sala de revista masculina, alojamento dos policiais penais e a sala do corpo da guarda da polícia militar, indo em direção ao segundo portão da penitenciária, que dá acesso ao “coração” do estabelecimento, com a parte administrativa.

O segundo portão dá acesso ao posto médico de atendimento aos apenados, a horta produzida por professores da UEPB conjuntamente aos presos, a escola penitenciária de ensino fundamental e médio Paulo Freire, a padaria e o refeitório de uso dos apenados, o almoxarifado, e as celas de reconhecimento, isolamento e dos serviços gerais dos apenados.

Já o setor administrativo localizado na principal via, que dá acesso ao ‘guaritão’ de monitoramento para entrada dos pavilhões, está situado a sala de arquivo, a sala do setor de inteligência, sala da assistência social, a sala da defensoria pública e por fim a sala da diretoria, onde parte majoritariamente as disciplinas a serem seguidas no regime penal.

Posterior ao setor administrativo da penitenciária, está situado o guaritão, que tem posição estratégica sobre o acesso aos pavilhões e uma certa elevação na estrutura física da posição de seus agentes, proporcionando a vigilância hierarquizada sobre os pavilhões, alojamentos e o pátio utilizados no convívio rotineiro dos apenados, tornando-se espécie de



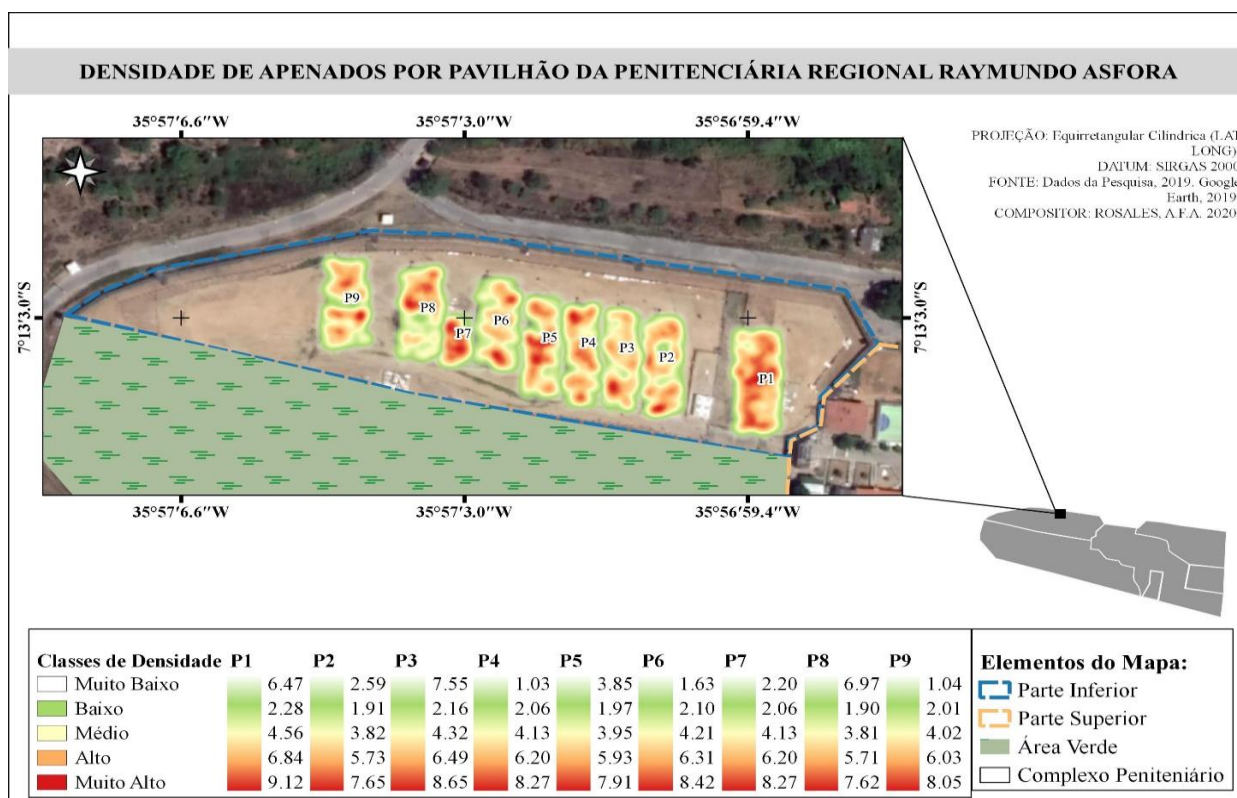
panóptico da parte inferior da penitenciária que monitora integralmente os fluxos entre presos e o seu comportamento.

Adentrando as estruturas do guaritão, situa-se a parte inferior da penitenciária, onde está localizado os nove pavilhões que compõe a penitenciária Raymundo Asfora. É neste setor da penitenciária que produzido o mapa de calor.

O Mapa de calor (mapa 3), apresenta informações específicas de cunho demográfico mostrando a distribuição entre apenados por cada pavilhão na penitenciária masculina regional Raymundo Asfora, em que é projetado por meio dos dados demográficos e a área de cada pavilhão, pressupondo uma distância mínima de um metro entre eles.

Levando em consideração que em números gerais a população carcerária da Raymundo Asfora é de 1120 apenados, o primeiro pavilhão, dada sua complexidade entre a ala segura e o setor amplo de apenados que desenvolvem o trabalho prisional, é o conglomerado de maior densidade demográfica entre os nove que estruturam a parte inferior da penitenciária. A distribuição espacial do fenômeno é variável como todos os outros pavilhões, pelo fato das relações entre presos estarem em constante dinâmica, o que resulta alterações diretas na cadeia hierárquica entre eles.

Mapa 3: Densidade de apenados por pavilhão da penitenciária regional Raymundo Asfora.





Fonte: ROSALES, A.F.A. 2020

Entre o sexto e o sétimo pavilhão, há um modesto aumento na concentração demográfica desses conglomerados, mesmo classificados como pavilhões individuais, a estrutura material desse lugar na grande maioria se encontra sucateada, como destaca o pavilhão sete, que tem parte do estabelecimento das celas e corredores inviáveis para habitação, concentrando a população carcerária desses pavilhão em apenas um setor.

Hierarquicamente, devido os dois últimos pavilhões terem maior importância na cadeia das relações de poder entre os apenados, é registrado por meio da cartografia do mapa 4 uma estreita redução na densidade demográfica desses alojamentos. Deste modo, há uma seletividade imposta pela hierarquia do poder entre os apenados para residir neste lugar, sendo a distribuição e organização espacial realizada continuamente por meio das relações espaciais permeadas pelo poder entre a própria população carcerária e não necessariamente pelo Poder do Estado representado pela administração penitenciária que faz a gerência do estabelecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema prisional marcado pela complexidade das relações entre apenados e o espaço prisional, tem na territorialidade como prática espacial, o instrumento de domínio e ordenamento do estabelecimento penitenciário, a territorialidade como face agida e vivida do poder, condiciona as relações entre os agentes da segurança que representam o estado, como também entre detentos, sendo poderes concorrentes que se completam na ordem contínua do cárcere.

O Serrotão, como principal complexo penitenciário da cidade de Campina Grande tem o ordenamento do espaço penitenciário da parte superior estruturado pelo setor administrativo da penitenciária e o corpo de segurança, já na parte inferior, posterior o guaritão onde se localiza os nove pavilhões, o ordenamento e a configuração desse território é sistematizado pelas territorialidades dos próprios detentos, onde a distribuição demográfica do espaço é realizado entre a própria população carcerária que detém das chaves de acesso para cada pavilhão, e o ordenamento do território tem como principal atores a população carcerária.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. B.; CARVALHO, A. O.; REGO, C. A. R. M.; DIAS, C. W. S.; CHAGAS, L. C.; ROCHA, S. F.; MARINHO, T. R. S.; BRITO, D. R. B. **Distribuição espacial e temporal da cobertura vegetal e uso do solo do município de Anapurus - Ma.** In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 16. (SBSR), 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas.** 2^oed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.
- FOUCALT, Michel. **Vigiar e punir.** 15^a ed, Petrópolis: Vozes. 2009.
- SILVA, Vanderlan Francisco da. **Conflitos e violência no universo penitenciário brasileiro.** Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SILVERMAN, B. W. **Density Estimation for Statistics and Data Analysis.** Nova York: Chapman and Hall, 1986
- SOUZA, Marcelo Lopes de (1995): **O território: Sobre Espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: Castro, Iná E. de et al. (orgs): Geografia Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- SOUZA, Marcelo Lopes de (2013): **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio- espacial.** 3^o ed. – Rio De Janeiro: Bertrand Brasil.